



## EDITORIAL

### FILOSOFIA E ARTE: modos de criar e coexistir no mundo

Dr. Genivaldo de Souza Santos<sup>1</sup>

Dentre as formas de conhecimento humano, arte e filosofia mantêm entre si laços de familiaridade com o inédito, com o inusitado, com a criação, ao mesmo tempo em que se distanciam de formas de conhecimento caracterizadas pela fixidez e pela imposição de padrões. Contra este movimento, com doses substanciais de coragem e força, justamente para romper com tais padrões - muitas vezes, já desgastados - arte e a filosofia são constituídas, expressas em momentos históricos que, em seu tempo, exigiram [e exigem] transformações. Disso decorre que é a mudança, o movimento e o esforço para caminhar [sair do mesmo lugar], mais que a fixidez e a estaticidade do conhecimento certo e seguro, que as caracterizam.

O politeísmo de valores, segundo Weber, nos auxilia a pensar o tempo presente, marcado pela emergência de “inteligências” artificiais, que confirmam o pendor contemporâneo em reduzir o mundo humano à técnica e à ciência. Ao mesmo tempo, especialmente em países latino-americanos, consolida-se uma crítica radical a toda pretensão universalista da filosofia, que diferente do pensamento pós-colonial [ainda europeu] dirige-se ao cerne da razão moderna e lá também encontra a vontade de colonizar, de reduzir toda a complexidade humana a um só modo de pensar, sentir e

---

<sup>1</sup> Pós Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP - Universidade Estadual Paulista, onde desenvolveu pesquisa doutoral acerca dos limites e possibilidades da ética no contexto tecnocientífico. Atualmente é professor de Filosofia do IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo. Atuou como professor-pesquisador do Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), tendo desenvolvido, coordenado e orientado pesquisas, que resultaram em publicações e produções acadêmicas nas áreas da ética, do ensino de Filosofia e educação ambiental. Colaborou como Professor Supervisor do PIBID-Filosofia - Projeto Institucional de Incentivo a Docência, desenvolvido junto a UNESP, com financiamento da CAPES (2010-2013). Líder do GEPEES - Grupo de Pesquisa e Estudo Ética, Educação e Sociedade, junto ao qual desenvolve parcerias de pesquisa e extensão com foco na perspectiva intercultural e decolonial. Têm experiência com as disciplinas de Ética geral e empresarial e Responsabilidade Social no ensino superior. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-1579-8559>. E-mail: [fratellogenivaldo@gmail.com](mailto:fratellogenivaldo@gmail.com)



constituir o mundo. Um argumento que radicaliza a associação entre Colonização e Modernidade como faces de uma mesma moeda.

Neste sentido, a unidade fictícia de uma filosofia universal [mas que é localizada] cede lugar a uma miríades de epistemes, de ontologias, de modo de pensar e sentir não mais atados aos contornos da lógica clássica ocidental, que não admite mais que a afirmação de identidades ou da sua negação, em uma temporalidade previamente dada. Os resultados das pesquisas que partem de uma interculturalidade crítica e decolonial vem mostrando outras possibilidades, que não dizem respeito unicamente a nossa ideia de “humanidade”. Essa ideia de uma humanidade única, igual aquela tão facilmente visualizada nas redes sociais e na TV, não contempla as possibilidades humanas existentes, aliás, trai estas mesmas possibilidades. Especialmente no Brasil, lugar que abriga mais de 250 etnias indígenas diferentes, com cerca de 150 idiomas vivos, de acordo com o pensador indígena Ailton Krenak.

Para ele, o fim do mundo é o anúncio mais alardeado nos últimos tempo, mas ele camufla uma verdade básica, que é o fato de que esse mesmo tipo de pensamento neocolonial quer que abandonemos nossos sonhos, que abandonemos nossas capacidades de sonhar e de criar e, portanto, de resistir, ao submetermos-nos ao seu suposto destino inevitável. E aí está a sabedoria dos nossos ancestrais indígenas, que nos ensinam a resistir e a reexistir, pois tendo em mente o projeto necropolítico colonial europeu, não era para existir mais que meia dúzia de indígenas, embora tenhamos chegado no século XXI com centenas de diferentes povos e idiomas vivos.

Uma das mais importantes lições que nos oferece Ailton Krenak é a de que face a sensação de queda [existencial] que a todas/os atinge é preciso abrir paraquedas, coloridos e criativos. Já que a queda é inevitável, podemos fazer uso da nossa criatividade para aproveitar a queda, diminuindo sua velocidade e o terror que algumas/uns sentem ao tomarem consciência deste movimento. Assim, arte e filosofia, interculturalmente dadas, são convocadas para que possamos, mesmo “caindo”, construirmos e coabitarmos um mundo comum [possível justamente pela “queda”].

Face a emergência das inteligências artificiais e das crises climáticas que a todos/as cobra seu preço, com mão mais pesada sobre as/os mais vulneráveis, filosofia e arte são convidadas a trazer o novo, o ainda não pensado, o imprevisível. No limiar da



suposta robotização da sociedade, é a “produção de ausências” que marcam as relações contemporâneas, por meio da captura de nossa atenção aos interesses de um capitalismo de plataforma.

Quiçá nessa transição e neste limiar a produção de ausência possa ser substituído pela “produção de presença”, de acordo com H.U. Gumbrecht, em que a estética, a sensibilidade passam ser o fio condutor para a produção de presenças potentes, vitalizantes, criativas, que ultrapassem os limites de uma hermenêutica que oferece seu melhor, interpretações cada vez mais refinadas da realidade mas que não “sujam as mãos”.

Concluindo, apresento essa edição com o desejo de que possamos nos envolver estética e criticamente com este mundo, para que “sujemos as mãos” e, assim produzirmos cada vez mais presença, abrindo paraquedas coloridos e resistindo a um sistema que tem fome, inclusive [e especialmente] de nossas subjetividades. Para isso, a filosofia e a arte são imprescindíveis na criação e na coabitação em um mundo que chegou no seu limite climático, ambiental, sócio-cultural e espiritual. Um desafio e belo desafio que a todos/as convoca.

Prof. Dr. Genivaldo de Souza Santos

IFSP - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo.

Campus Birigui.